



## Histórias que pulsam

*Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo

Jorge Marques\*

Na dimensão humanista em que envolve seu pensamento, Walter Benjamin afirma que na sociedade industrial as experiências compartilhadas são cada vez mais rarefeitas. Nesse sentido, o narrador – espécie de memória viva da coletividade, na medida em que perpetua relatos fundamentais para a compreensão tanto do sujeito quanto do todo em que ele se insere – constitui figura em estado de extinção, prestes a ser submersa por um mundo onde o imediatismo do *fait divers* substitui a perenidade das matrizes de narrativas nas quais a sabedoria é passada de pessoa a pessoa, muitas vezes sob a forma de aconselhamento.

Em seu mais recente livro, a escritora Conceição Evaristo realiza uma experiência que, de certa forma, contradiz Benjamin. *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) reúne treze contos alinhavados pela existência de uma narradora que se dedica à tarefa de escutar histórias para depois reescrevê-las ao leitor, só que guiada muito mais pela imaginação do que pela memória (mesmo porque, como bem observa Gaston Bachelard, esse fenômeno é caracterizado pela descontinuidade, que resulta em lacunas e imprevistos). Dessa maneira, “o real vivido fica comprometido”, já que são borradas as fronteiras entre ficção e verdade. Emerge aquilo que Conceição Evaristo denomina de “escrevivência”, um dos pilares de

\* Doutorando em Literatura Brasileira (UFRJ).

sua obra desde a publicação do aclamado romance *Ponciá Vicêncio* (2003), primeiro volume individual de uma carreira até então desenvolvida em projetos coletivos.

A coerência da trajetória da escritora também é verificada na admirável habilidade com que ela engendra um produto no qual as questões de etnia e de gênero adquirem relevância incontestada, procedimento já adotado em sua obra pregressa. Faz isso, porém, sem resvalar para o discurso panfletário nem descuidar do manejo com a palavra em nome da sobreposição de uma suposta “mensagem” em detrimento de questões formais. Pelo contrário, é no vigor do texto de Conceição Evaristo que se sustentam os enredos narrados pela “escutadora” de histórias. Dito isso, no entanto, há que se ressaltar o fato de que, nos contos do livro, a “substância viva da existência”, como diria Benjamin, tem sua gênese em tramas protagonizadas por mulheres negras que compartilham sua experiência com outra mulher negra – a narradora –, que serve como fio condutor dos contos que se sucedem. Todavia, essa restrição temática não impede o caráter universal das narrativas – outro traço a associar a coletânea à qualidade.

Cabe notar ainda que, de todas as mulheres que circulam pela obra, a narradora é a única a quem não é possibilitada a assunção de um nome. Todas as outras têm alcunhas, com direito a sobrenomes declinados pelo texto. Não por acaso, aliás, as denominações das treze mulheres intitulam os contos e figuram como chave de entendimento de cada um. Como sabemos, em muitos textos literários a escolha dos nomes próprios não se deve ao acaso e decorre de um processo seletivo controlado pelo autor: mesmo que a alcunha escolhida não carregue consigo nenhuma carga simbólica maior, é possível que ajude a enxergar alguma intencionalidade.

Por outro lado, em determinados textos o propósito de agregar referências de caráter simbólico aos nomes das personagens pulsa durante a leitura. É o que acontece às protagonistas do livro aqui abordado, algumas a ocuparem o primeiro plano de verdadeiras pérolas da narrativa curta produzida atualmente no Brasil. É o caso, entre outros, dos seguintes textos: “Adelha Santana Limoeiro”, que aborda com ternura e delicadeza o envelhecimento do corpo carcomido pelo tempo; “Natalina Soledad”, a enjeitada pelos pais que reinventa seu nome próprio; e “Mary Benedita”, artista plástica que se autoimola para utilizar o próprio sangue à guisa de tinta nas telas dos quadros que pinta.

A força da escrita de Conceição Evaristo não deixa dúvidas de que, assim como ocorre com a personagem, o pulsar do sangue está presente em todas as etapas do seu processo de criação. Tal fato, aliado a uma composição consistente e sofisticada, oferece ao leitor a possibilidade de travar contato com um texto que cultiva a sabedoria através de histórias paradigmáticas que expõem dor, força, inteligência e coragem de mulheres que vertem choro sem, entretanto, deixar-se abater pelas vicissitudes da existência.

